

Índice de Mendicância aumenta na Grande Vitória

AJ11946

Texto de Rossini Amaral

O índice de mendicância aumentou vertiginosamente na Grande Vitória. O secretário do Bem-Estar Social, Joaquim Beato, admitiu que a situação é dramática. Pelo Centro de Ajustamento Social (CAS), de Carapebus, no município da Serra, passaram no ano passado 365 mendigos (uma média de um por dia), sendo 67 deles reincidentes. A maioria dessas pessoas é migrante, procedendo do interior do Estado e de Minas Gerais, principalmente.

Para Joaquim Beato, entre as causas desse problema estão a crise econômica, a recessão e o desemprego, associados à grande concentração de terras na área rural. Estes fatores, segundo disse, expulsam as pessoas de seus locais de origem à procura de melhores condições de vida, gerando como consequência a desagregação familiar e a marginalização social.

No Centro de Ajustamento Social (CAS), para onde são levados os mendigos da Grande Vitória, a capacidade de ocupação é de apenas 40 lugares, mas devido a obras em execução no prédio são oferecidas apenas 22 vagas todas ocupadas. O secretário Joaquim Beato alegou não ser de responsabilidade da Sebs o recolhimento de mendigos do centro da cidade, mas da Secretaria da Segurança, que também não cumpre essa atribuição. Para resolver o impasse, foi firmado um convênio com a Prefeitura de Vitória, através do qual, a partir de março, os mendigos passarão a ser recolhidos, os que estiverem doentes serão internados e tratados ou nos casos em que houver necessidade, transferidos para seus locais de origem.

ANÁLISE

Ao comentar a problemática da mendicância, o secretário do Bem-Estar Social, Joaquim Beato, disse que "a tendência da sociedade é colocar a pobreza em relação com o caráter da pessoa. Ou seja, tratar da pobreza como se fosse um problema ligado à biografia de cada um. Mas os estudiosos do assunto são unânimes em afirmar o caráter social da pobreza", assinalou.

Ainda segundo Beato, o tratamento para o problema da mendicância (sinônimo de pobreza extrema) "seria tentar um planejamento econômico que se preocupasse prioritariamente com suas repercussões sociais, como é o caso do emprego e salário. O mendigo é uma pessoa excluída definitivamente do mercado de trabalho, vivendo numa situação em que não há possibilidade de amparo por parte da família ou do Estado".

Uma das causas que gera a mendicância, segundo a Secretaria do Bem-Estar Social (Sebs) está no processo migratório. E de acordo com dados do Serviço de Apoio ao Migrante (Sami-ES), vinculado ao Ministério do Interior, verificou-se no ano passado 14.697 casos de pessoas que entraram e saíram da Grande Vitória. Das que procuraram o Espírito Santo, a maioria teve procedência de Minas Gerais, do interior do Estado, da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

Procedentes de Minas Gerais, entraram no Espírito Santo durante o ano passado 11.292 migrantes, outros 736 saíram do interior do Estado e procuraram a Grande Vitória, o mesmo ocorrendo com 728 da Bahia, 664, do Rio de Janeiro, e 316 de São Paulo.

Os migrantes, na sua maioria, são provenientes do meio rural, de onde saíram na condição de pequenos proprietários meeiros e colono para os centros urbanos. Sem oportunidades no mercado de trabalho sofrem a desagregação familiar e esta leva à marginalização social e à mendicância.

Foto de Ailton Lopes



Mendigos de todos os tipos e idades ocupam os espaços da Grande Vitória

A assistência à mendicância vem sendo bastante deficiente, conforme reconheceu o secretário Beato. Isso, segundo explicou, deve-se à insuficiência de recursos financeiros, de pessoal qualificado e de equipamentos. A expectativa para este ano, contudo, é mais otimista: sem citar cifras, Joaquim Beato informou que o orçamento da Sebs para 1985 é quatro vezes superior ao de 1984, mas ainda assim não o considerou satisfatório para atender a todas as necessidades sociais.

Para enfrentar o problema da mendicância nas ruas da Grande Vitória, o que vinha sendo feito de forma bastante precária, a Sebs firmou convênio com a Prefeitura de Vitória, através do qual os mendigos doentes serão internados e tratados, os que tiverem procedência de outros Estados reconduzidos a seus locais de origem e todos aqueles que estiverem nas ruas recolhidos. Prometeu o secretário Joaquim Beato começar o trabalho no próximo mês.

Joaquim Beato disse ainda que será criada uma colônia agrícola no município de Cariacica, próximo a Itanhenga, destinada a dar uma ocupação aos mendigos recolhidos nas ruas e sem condições de ser reconduzidos a seus locais de origem. Para os migrantes sem oportunidade de trabalho, serão criadas hortas comunitárias em Itanhenga e no bairro José de Anchieta, na Serra, através de convênio com o Ministério do Interior.

ASSISTÊNCIA

Embora com muitas deficiências, 22 pessoas em condição de mendicância vivem atualmente no Centro de Ajustamento Social de Carapebus, em regime aberto. Todos se dizem satisfeitos com o tratamento a eles dispensado e há casos em que após a dispensa e reintegração à família o mendigo retorna novamente ao local, quase sempre em busca de melhor alimentação, de higiene e de conforto.

Segundo a diretoria do CAS, Maria Sílvia Alves de Almeida, 365 mendigos foram atendidos no ano passado, sendo que 298 tiveram assistência pela primeira vez e 67 eram reincidentes. Somente 18 pessoas foram recolhidas nas ruas da Grande Vitória, o que

Foto de Ailton Lopes



demonstra o grau de deficiência enfrentado pela entidade, que sequer possui viaturas e pessoal destinados a esta finalidade.

Ainda segundo Maria Sílvia, 163 mendigos procuraram espontaneamente o CAS para ser assistidos e 160 outros foram encaminhados pela Sebs a seus locais de origem. Entre as pessoas atendidas pelo CAS estavam quatro com idade até 17 anos, 82 entre 18 e 23 anos, 88 com idade entre 24 e 29 anos, 97 entre 35 e 41 anos de idade, e 59 pessoas com idade entre 42 e 59 anos de idade.

O Centro de Ajustamento Social foi criado há nove anos, a título provisório, visando aos grandes projetos industriais na Grande Vitória, que, como era previsto, iriam gerar (como geraram) problemas sociais de toda ordem, entre eles a mendicância, como resultado do intenso fluxo migratório.

Durante alguns anos, os mendigos internados no Centro de Ajustamento Social tiveram à sua disposição oficinas, fábricas de vassouras, hortas e outras ocupações. Entretanto, por falta de pessoal qualificado para ministrar o treinamento aos internos, todo o maquinário deixou de ser utilizado, perdurando esta situação ainda hoje.

Outro problema enfrentado pela administração do CAS, segundo revelou a diretora Maria Sílvia Alves de Almeida, é que a maioria dos mendigos atendidos sofre de distúrbios mentais, face ao longo período de desemprego, fome e miséria. A recuperação dessas pessoas também tem constituído problema de difícil solução, já que o CAS não dispõe de médicos, psiquiatras, psicólogos e enfermeiros, os quais não são contratados — sob alegação de falta de recursos.

Segundo Maria Sílvia, a parte de alimentação ainda não sofreu problemas de qualquer natureza, já que nos orçamentos anuais para a instituição há uma programação de alocação de verbas destinada com tal objetivo. A diretora não soube informar quanto custam as despesas com cada mendigo internado no CAS, mas adiantou que para o mês de janeiro foram destinados Cr\$ 884 mil para compra de gêneros alimentícios, Cr\$ 624 mil para carne, Cr\$ 168 mil para padaria, Cr\$ 1,5 milhão para aquisição de material de limpeza e Cr\$ 146 mil para compra de passagens, visando ao transporte de pessoas para seus locais de origem.

Foto de Ailton Lopes



Mãe e crianças ao relento. Uma cena deprimente e repetitiva

Abordagem dos mendigos acontece a toda hora

Foto de José A. Magnago

Nas calçadas, escadarias, praças e até mesmo no meio do trânsito, junto aos sinais luminosos, o capixaba é sempre abordado por um mendigo, seja criança, homem ou mulher. A cada 10 metros, no centro de Vitória, depara-se com um deles, situação que o secretário do Bem-Estar Social, Joaquim Beato, reconheceu como bastante dramática. Mas, de acordo com a diretora do Centro de Ajustamento Social, Maria Sílvia Alves de Almeida, há casos em que a mendicância se transforma em verdadeiro comércio ou, no mínimo, em uma atividade lucrativa.

Segundo Sílvia Alves de Almeida, há casos na Grande Vitória em que crianças são alugadas para pedir esmolas para terceiros, embora não fossem apresentados dados concretos a respeito. Contudo o Centro de Ajustamento Social (CAS) confirmou que a mendiga conhecida por **Casquinha** ou **Júlia** foi, durante algum tempo, "explorada por outros mendigos" instalados sob a **ponte seca** — situada no mercado da Vila Rubim.

A mendicância no centro de Vitória adquiriu, nos últimos anos, características peculiares. Crianças que ao mesmo tempo imploram por algum tipo de caridade alheia apelam aos motoristas de automóveis, junto aos sinais luminosos de trânsito, para lhes comprar sacolas de limão, laranja e outras frutas. Nas calçadas, crianças parali-



Marlene: marido assassinado e um filho perdido

Feira de Santana para Vitória à procura de melhor trabalho. Meu marido não conseguiu emprego e o jeito foi pedir esmolas".

Vestida com trapos, dona Maria e os três filhos apelam a todos os passantes por uma caridade. O filho mais velho, de 9 anos, tentou vender picolé, mas, segundo a mãe, ele não se adaptou. Morando num pequeno barraco no bairro de Itanhenga, em Cariacica, dona Maria disse que todos os dias sai a pé com as crianças em direção a Vitória para pedir esmolas, conseguindo uma média de Cr\$ 4 mil a Cr\$ 5 mil por dia. Disse, por outro lado, que está muito desgostosa com a forma de vida que enfrenta e espera ter condições de retornar

condição da qual espera sair o mais rápido possível.

Maior drama enfrenta dona Marlene Pereira Benedito, 30 anos, viúva, seis filhos; está há um ano internada no Centro de Ajustamento Social. Bastante lúcida, apesar dos ferimentos que sofreu e que ainda mostram profundas marcas, dona Marlene fez um relato dramático sobre como ingressou na condição de mendiga.

"Meu marido trabalhava num caminhão e foi assassinado a facadas, em Vitória. Sai de minha casa, em Botelho (Minas Gerais) e vim para Vitória com meu filho de seis anos. Entendi Jardim América, um homem tentou me matar lançando-me de baixo de um carro e roubou meu filho". Bastante ferida,

anos, característicos peculiares. Crianças que ao mesmo tempo imploram por algum tipo de caridade alheia apelam aos notoristas de automóveis, junto aos sinais luminosos de trânsito, para lhes comprar sacolas de limão, laranja e outras frutas. Nas calçadas, crianças parálicas e adultos expondo grandes feridas no corpo pedem esmolas e, ao mesmo tempo, colocam à venda saquinhos com naftalina, agulheiros ou outro tipo de mercadoria barata.

Na escadaria Maria Ortiz, quedá acesso à Cidade Alta, no centro de Vitória, dona Maria José Guida, com 60 anos de idade, há três anos vive da mendicância. Segundo contou ela, saiu de Minas Gerais após a morte do marido e, acompanhada de dois filhos (Romildo, com 15 anos, e Sebastião, com 16 anos), veio para o Espírito Santo tentar "melhor sorte". Dona Maria chega à escadaria às 8 horas e só sai às 16 horas, conseguindo uma média de Cr\$ 5 mil por dia, conforme revelou.

Roberto Pinheiro Gonçalves, de 9 anos, sofreu paralisia infantil e não consegue andar. Próximo da Praça Oito de Setembro, na calçada ao lado de uma loja comercial, ele expõe uma caixa de papelão destinada a receber esmolas e perto dela outra onde apresenta sacos de naftalina para vender. Consegue ao final do dia uma média de Cr\$ 10 mil. O pai, desempregado, adota o mesmo procedimento em outro ponto da cidade e a mãe segue o mesmo destino. Todos são mendigos.

Dona Maria de Lourdes Lima da Silva, três filhos, foi localizada sexta-feira sobre a calçada à margem da avenida Princesa Isabel, próximo da praça Getúlio Vargas. Indagada sobre quais os problemas que a levavam a pedir esmolas, contou: "Há dois anos viemos todos (inclusive o marido) de

Maria disse que todos os dias sai a pé com as crianças em direção a Vitória para pedir esmolas, conseguindo uma média de Cr\$ 4 mil a Cr\$ 5 mil por dia. Disse, por outro lado, que está muito desgostosa com a forma de vida que enfrenta e espera ter condições de retornar para Feira de Santana, onde o marido pretende voltar a ser lavrador.

Há dois meses internado no Centro de Ajustamento Social de Carapebus, Otácio Cunha de Lima, 24 anos, transformou-se de repente de vendedor de farmácia a mendigo. Casado, um filho de 10 meses, e deixou sua cidade, no Rio Grande do Norte, à procura de uma melhor condição de vida em Vitória. Ao chegar em Linhares, no entanto, onde parou para fazer um lance, teve roubados todas as suas roupas e o dinheiro. "Não tenho condições de arranjar um trabalho, nem de voltar para casa".

Otácio, segundo disse, deixou mulher e filho com a sogra, no Rio Grande do Norte, mas para lá não pretende mais voltar. Trabalhando na construção de uma horta no Centro de Ajustamento Social, Otácio pretende conseguir o dinheiro necessário para chegar até Uberlândia (MG), onde pensa retomar à sua atividade e ter condições de buscar sua família.

Em situação bastante semelhante encontra-se Ulisses Fausto de Oliveira, 32 anos, solteiro, que há dois meses está no Centro de Ajustamento Social tentando reconstruir sua vida. Procedente de São Paulo, ele disse que procurou Vitória atraído com as notícias de reinício das obras da terceira ponte. Não conseguiu emprego, o dinheiro acabou e viu se transformar de auxiliar de contabilidade em mendigo,

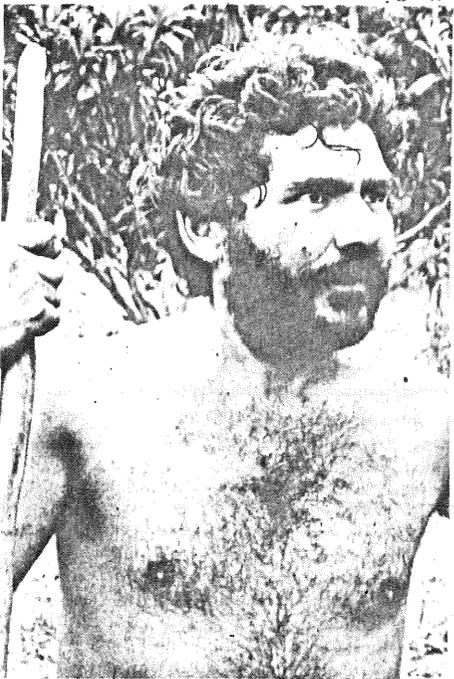
"Meu marido trabalhava num caminhão e foi assassinado a facadas, em Vitória. Sai de minha casa, em Botelho (Minas Gerais) e vim para Vitória com meu filho de seis anos. Em Jardim América, um homem tentou me matar lançando-me debaixo de um carro e roubou meu filho". Bastante ferida, Marlene Pereira foi levada para o Centro de Ajustamento Social, sendo submetida a tratamento médico e de fisioterapia, já que perdeu a articulação das pernas.

Há poucos dias, dona Marlene voltou a andar. "Aqui sou muito bem tratada, mas quero muito recuperar meu filho caçula. Quero muito sair daqui e voltar para minha casa, onde deixei minhas cinco filhas. Sinto muita falta de todos eles", apelou.

Para a diretora do Centro de Ajustamento Social, Sílvia Alves de Almeida, "a situação é a mais crítica possível. O número de mendigos está se multiplicando cada vez mais. A solução não depende apenas do governo do Estado, mas deve ser encontrada uma fórmula através da qual prefeitos e governadores dos Estados vizinhos evitem o processo migratório sem o que, não haverá como conter o problema".

A situação de mendicância, porém, não é igual para todos. Carlos Rogério Rocha, 27 anos, por exemplo, até há alguns anos conseguia sobreviver fazendo demonstrações com os pés — já que é paralisado os braços — na praça Costa Pereira. Atualmente, Carlos vive cantando numa calçada ao lado do Banco da Bahia e já ganha com suas apresentações o suficiente para contratar dois guitarristas. Fazendo mistério de sua renda diária, disse apenas que mora em hotel e para manter uma condição melhor de vida canta também em boates e restaurantes, onde cobra cachê de Cr\$ 200 mil por noite.

Foto de José A. Magnago



Otácio é uma vítima do êxodo rural

Foto de José A. Magnago



Ulisses quis vaga na terceira ponte